

Desenvolvimento da Competência Prosódica Foco

Sandra G. Martins¹ & Selene G. Vicente¹

¹Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

O presente estudo consiste na avaliação e descrição desenvolvimental das competências prosódicas relacionadas com o Foco, ou seja, avaliar a capacidade para identificar e produzir palavras enfatizadas numa frase, em crianças que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico ($N = 43$) e em jovens adultos ($N = 10$). Essa avaliação foi realizada através da Prova Foco do *Profiling Elements of Prosodic Systems – Children* (PEPS-C), desenvolvido por Peppé e McCann (2003) e adaptada recentemente para o Português Europeu. Os resultados evidenciam diferenças significativas entre as tarefas receptiva e expressiva que compõem a Prova Foco, sendo que todos os participantes evidenciam um melhor desempenho na tarefa receptiva. Observam-se ainda ganhos desenvolvimentais com a idade, em que as capacidades prosódicas relacionadas com o Foco parecem estar em desenvolvimento nas crianças mais novas, encontrando-se adquiridas nos adultos.

Palavras-Chave: Prosódia, Foco, Desenvolvimento, Avaliação

1. INTRODUÇÃO

A linguagem verbal desde sempre se afirmou como uma competência fundamental para a comunicação entre os seres humanos e um dos meios preferidos para a interacção social. Através da linguagem verbal – a fala – a informação é veiculada de um emissor para um receptor, sendo que o primeiro expressa uma mensagem e o segundo recebe essa mesma mensagem. Este é um processo complexo e exigente, pois compete ao emissor ser capaz de expressar claramente a sua mensagem, para que o receptor a compreenda. Uma das características da fala importante neste processo de comunicação é a prosódia. Sem ela, acções verbais como fazer uma pergunta ou cumprimentar alguém com alegria seriam impossíveis.

Quando se fala em prosódia é importante diferenciar o nível *forma* do nível *função*. Ou seja, a *forma* da prosódia refere-se às propriedades prosódicas (i.e., intensidade, duração, tom, acento, ritmo), enquanto a *função* diz respeito ao modo como as propriedades prosódicas agem no discurso para veicular funções pragmáticas, gramaticais e afectivas. Esta distinção é pertinente pois os elementos prosódicos têm diferentes papéis, linguísticos e paralinguísticos, e as alterações na prosódia podem localizar-se tanto no nível forma (e.g., a falta de capacidade para compreender níveis de

intensidade) como no nível função (e.g., incapacidade para compreender ou expressar prosódia).

No que respeita ao nível forma, Mateus (2004) define como propriedades ou traços prosódicos o tom, a intensidade e a duração, todos eles inerentes ao som e associados às características acústicas das ondas sonoras. Neste sentido, um dos objectivos da utilização destas propriedades prosódicas pelas diferentes línguas, é a delimitação dos limites das unidades em que, através do acento, se pode indicar o início ou fim de uma palavra. O acento é definido por Mateus (ibid., p.15) como “o resultado da conjugação das propriedades de duração e intensidade do som vocálico que marcha numa sílaba mais “forte” (ou proeminente) na sequência fonética que constitui a palavra”, sendo assim um traço prosódico fundamental na identificação da palavra prosódica. A sílaba com maior ênfase, que resulta da conjugação das propriedades intensidade e duração, pode gerar uma sequência fonética portadora de acento que pode ser traduzida numa sílaba ou palavra. A informação que é colocada nessa sílaba ou palavra é designada por Foco, podendo a marcação deste ser exclusivamente prosódica.

O Foco tem gerado alguma variação na literatura, na medida em que assume diferentes sinónimos, tais como acento principal, acento secundário ou acento contrastivo. Porém, são distinguidos dois grandes tipos de Foco que variam consoante a finalidade que lhe é atribuída: (1) Foco Aberto refere-se à introdução de uma nova informação no discurso; e (2) Foco Fechado refere-se à identificação expressiva de uma informação relevante anteriormente presente num discurso (Frota, 2000; McCann & Peppé, 2003). Consideremos o seguinte exemplo: (1) Foco Aberto: (*Emissor*) O que aconteceu? (*Receptor*) Os meus pais vêm visitar-nos; (2) Foco Fechado: a) (*Emissor*) Quem nos vem visitar? (*Receptor*) Os *MEUS PAIS* vêm visitar-nos; b) (*Emissor*) Então a tua tia vem visitar-nos? (*Receptor*) *NÃO, OS MEUS PAIS* vêm visitar-nos. Neste exemplo, o Foco aberto funciona como um Foco informativo, em que na resposta “Os meus pais vêm visitar-nos”, o elemento do Foco adicionado transmite uma nova informação assim como introduz um novo material no discurso. Pelo contrário, no exemplo do Foco fechado, o receptor não acrescenta informação nova, limitando-se a enfatizar a informação relevante para a compreensão do emissor através da resposta “*NÃO, OS MEUS PAIS* vêm visitar-nos” (as palavras a maiúsculas representam a informação relevante). Em certos casos, menos comuns, os mesmos contextos podem permitir um Foco meramente informativo. Neste sentido, a intensidade é uma forma

muito utilizada para veicular o Foco, salientando assim a proeminência prosódica de uma frase (Schafer *et al.*, 2000).

Relativamente à utilização do Foco, os estudos desenvolvimentais têm destacado a importância desta competência em relação à memória verbal, sendo que as palavras que são enfatizadas são mais facilmente retidas do que as palavras que não são enfatizadas (Baltaxe & Simons, 1985). Aos dois anos de idade, parece estar já presente na criança uma sensibilidade especial a padrões de Foco, desenvolvendo-se logo em seguida a capacidade para produzir distinções de Foco no seu próprio discurso (Wieman, 1976; cit in Baltaxe & Simons, 1985). MacWiney e Banes (1978; cit in Cutler & Swinney, 1986) referem ainda que crianças com três anos são capazes de utilizar o Foco na distinção de informação nova que é integrada numa conversa. De uma forma geral, à semelhança do que tem sido observado no desenvolvimento de outras áreas da linguagem, também na prosódia, e possivelmente no caso particular do Foco, a vertente receptiva parece desenvolver-se primeiro que a vertente expressiva, sendo que entre os 5 e os 7 anos, as crianças conseguem produzir prosódia ao nível das frases, mas manifestam dificuldades na utilização de um padrão correcto de Foco, não conseguindo processar a informação semântica contida nas frases (Cutler & Swinney, 1986).

A compreensão do processo de aquisição da prosódia em termos desenvolvimentais tem sido fulcral para a identificação de populações em que são observadas alterações desta competência. Nos últimos anos a investigação neste domínio tem proliferado e muitos esforços foram feitos no sentido de se construírem instrumentos de avaliação da prosódia. O teste *Profiling Elements of Prosodic Systems - Children* (PEPS-C; Peppé & McCann, 2003) surge recentemente e afirma-se como um instrumento completo que avalia a prosódia nas suas vertentes receptiva e expressiva. Tem como principal objectivo a avaliação das competências prosódicas de compreensão e de expressão tanto ao nível da discriminação auditiva e competências vocais (*Forma*), como ao nível da comunicação verbal (*Função*). O nível da função inclui, entre outras, a prova do Foco em que se avalia a capacidade do sujeito para identificar e produzir Foco. O Foco refere-se à noção básica de que a informação mais importante de uma frase pode ser enfatizada pela prosódia (Peppé & McCann, 2003). Este termo pode ainda ser definido como a informação que é transmitida através da intensidade colocada numa determinada palavra posicionada numa frase. O Foco constitui pois o alvo de avaliação nesta prova, encontrando-se posicionado na palavra à qual foi atribuído maior ênfase na intensidade (e não na duração).

O presente trabalho pretende contribuir para o estudo do desenvolvimento da competência prosódica Foco em crianças entre os 6 e os 11 anos de idade e jovens adultos. A caracterização desta competência será feita com a Prova Foco do teste *Profiling Elements of Prosodic Systems – Children* (Peppé & McCann, 2003) adaptada para o Português Europeu.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram neste estudo um total de 53 participantes falantes nativos do Português Europeu, organizados em dois grupos: crianças ($N = 43$) e adultos ($N = 10$). As crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos ($M = 8.0$; $DP = 1.43$), sendo 23 do sexo masculino. Todas frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico em diferentes instituições educativas (públicas e privadas) do distrito do Porto e foram organizadas em três subgrupos de idade (cf. Quadro 1): (1) dos 6 anos e 2 meses aos 7 anos e 5 meses; (2) dos 7 anos e 6 meses aos 9 anos e 5 meses; e (3) dos 9 anos e 6 meses aos 11 anos e 5 meses.

Quadro 1

Média (M), desvio-padrão (DP) e amplitude de variação das idades do grupo de crianças (N = 43), separadamente por grupo de idade.

Grupo Idade ^a	M/F	M	DP	Amplitude
6;2 – 7;5 ($n = 12$)	6/6	6.42	0.52	6 - 7
7;6 – 9;5 ($n = 19$)	10/9	7.74	0.56	7 - 9
9;6 – 11;5 ($n = 12$)	7/5	9.67	0.65	9 - 11

Nota. ^a Grupos de idade definidos em anos e meses. A idade dos participantes foi calculada em anos e décimas do ano. A coluna M/F diz respeito ao género dos participantes, masculino e feminino, respectivamente.

O NSE, calculado através do nível educacional e estatuto profissional dos pais (McMillan & Westren, 2000), varia entre o nível baixo e o médio alto: baixo ($n = 7$), médio baixo ($n = 19$), médio ($n = 9$), e médio alto ($n = 8$). Foi pedida a autorização das instituições para a recolha dos dados e o consentimento informado dos pais/encarregados de educação para que as crianças pudessem colaborar no estudo. O critério de exclusão foi a ausência de dificuldades de aprendizagem e de perturbação

desenvolvimental assim como a presença de perturbação cognitiva não verbal medida através do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR; Simões, 2000). As crianças obtiveram um resultado médio de 23.98 ($DP = 5.05$) neste teste de avaliação da inteligência não verbal, valor que se enquadra no nível intelectual esperado para a respectiva faixa etária (cf. Secção dos Resultados e Discussão).

O Grupo de Adultos é constituído por 10 estudantes universitários com idades compreendidas entre os 21 e os 27 anos ($M = 24.10$; $DP = 2.23$), sendo 5 do sexo masculino. Todos frequentam cursos da Universidade do Porto.

2.2. Materiais

Os participantes foram avaliados com o teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (MPCR; Simões, 2000) e com duas provas do PEPS-C adaptadas ao Português Europeu: a prova de Vocabulário e a Prova Foco.

A prova Foco é constituída por duas tarefas: a tarefa receptiva ($N = 20$ itens) e a expressiva ($N = 20$ itens). Em cada tarefa, os dois primeiros itens são para exemplo e os dois itens seguintes para treino ($N = 2$ exemplos + 2 treinos + 16 itens experimentais). Na tarefa receptiva são apresentadas ao sujeito, no ecrã do computador, imagens sendo cada uma constituída por duas manchas de cores diferentes em fundo cinzento. Por exemplo, ao item 1 corresponde uma imagem com uma mancha preta e uma mancha vermelha. A cada item visual está associado um estímulo auditivo. Para o item 1, o participante ouvirá a frase “Eu queria meias *PRETAS* e vermelhas” sendo uma das cores enfatizada (i.e., o Foco que neste exemplo se posiciona na cor *PRETA*). A tarefa do sujeito consiste em identificar na imagem qual das duas manchas coloridas, neste caso a preta ou a vermelha, foi enfatizada pelo locutor.

Na tarefa expressiva da prova Foco são apresentadas ao sujeito imagens no ecrã do computador, uma de cada vez, de uma vaca ou de uma ovelha com uma bola de futebol. A vaca ou a ovelha aparecem pintadas numa cor entre várias possíveis (preto, branco, vermelho, verde e azul). A cada imagem está sempre associado um estímulo auditivo que descreve a imagem mas de modo incorrecto. Por exemplo, para o item 1, temos a imagem de uma ovelha azul com a bola e um locutor que diz “A vaca azul tem a bola”. A tarefa do sujeito consiste em corrigir o locutor enfatizando a palavra correcta. Neste caso, a resposta correcta seria: “Não, a *OVELHA* azul tem a bola”. A utilização da palavra “não” em posição inicial serve de ajuda na correcção do locutor. De salientar

que há dois tipos de correcções possíveis, ou centradas no animal (vaca ou ovelha) ou centradas na cor do animal.

A prova de Vocabulário é constituída por todas as imagens que integram a prova Foco ($N = 7$; cinco cores e dois animais), sendo o objectivo o de assegurar que o participante conhece e está familiarizado com as palavras que se encontram associadas.

2.3. Procedimento

Todos os participantes foram avaliados individualmente num ambiente com o mínimo de ruído e com boas condições de iluminação. A administração dos materiais efectuou-se numa sessão única com a duração aproximada de 35 minutos. A ordem de administração dos materiais foi a mesma para todos os participantes: (1) Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, MPCR; (2) prova de Vocabulário; e (3) tarefas receptiva e expressiva da prova Foco. No caso dos adultos não se administraram as MPCR.

Na prova de Vocabulário do PEPS-C, foram apresentadas uma a uma no ecrã do computador as 7 imagens correspondentes às palavras usadas na prova Foco. A tarefa do sujeito era a de nomear o que estava a ver. Esta prova tem como finalidade averiguar se as palavras que serão usadas na prova Foco são do conhecimento do sujeito e, caso não o sejam, certificar que ele se familiariza com elas.

Na prova Foco, primeiro administrou-se a tarefa receptiva e depois a expressiva. Na tarefa receptiva, a tarefa do sujeito consistia em identificar a palavra onde se encontrava posicionado o Foco produzido por um locutor. Na tarefa expressiva, a tarefa era a de produzir uma frase com o Foco colocado numa palavra. O desempenho na tarefa expressiva foi gravado e, posteriormente, avaliado por um painel de júris que fez a cotação das respostas. Ou seja, tratava-se de identificar a posição do Foco nas frases produzidas. O painel de júris apenas avaliou as respostas do grupo de crianças. As respostas dos adultos foram cotadas no decorrer da prova pelo próprio experimentador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão analisados a vários níveis: (1) inteligência não-verbal na população infantil; (2) caracterização do desenvolvimento da competência prosódica Foco, nível receptivo e expressivo, na população infantil e adultos; e (3) correlações entre os resultados nas MPCR e a prova Foco.

3.1. Inteligência Não-Verbal: População infantil

No teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, MPCR, calculou-se o número total de itens correctos para cada participante. Procedeu-se também ao cálculo da média, desvio-padrão e amplitude de variação dos resultados por grupo de escolaridade (por facilitar a comparação com os dados normativos das MPCR pois os intervalos de idade não correspondem) como se pode observar no Quadro 2.

Quadro 2

Média (M), desvio-padrão (DP) e amplitude de variação dos resultados no teste das MPCR por ano de escolaridade no grupo de crianças.

Escolaridade	<i>M</i>	<i>DP</i>	Amplitude
1º Ano (<i>n</i> = 9)	21.33	4.33	14 - 29
2º Ano (<i>n</i> = 11)	21.36	5.78	13 - 32
3º Ano (<i>n</i> = 11)	26.82	4.66	15 - 33
4º Ano (<i>n</i> = 12)	25.75	3.04	20 - 31

Nota. O valor máximo neste teste é de 36 pontos.

Tal como se pode observar a partir da leitura do quadro, os valores encontrados nos quatro anos de escolaridade para o grupo de crianças estão dentro dos valores esperados (Simões, 2000). Os resultados encontrados nos três primeiros anos de escolaridade encontram-se ligeiramente acima dos valores normativos apresentados por Simões (2000) para as MPCR: para o 1º ano a média é de 17.07 (*DP* = 5.17), para o 2º ano é de 19.85 (*DP* = 5.68), para o 3º ano é de 23.06 (*DP* = 5.56) e para o 4º ano é de 25.78 (*DP* = 4.93). Verifica-se que existe um ligeiro aumento na média dos resultados do 1º para o 4º ano, pelo que se poderia dizer que a inteligência não-verbal aumenta ao longo da escolaridade no decorrer do 1º ciclo do ensino básico. No entanto, não foram encontrados efeitos significativos da escolaridade no desempenho das MPCR [$F(18, 24) = 1.60, ns$]. O mesmo foi observado em relação à variável sexo [$F(18, 24) = 0.60, ns$].

3.2. Desenvolvimento do Foco: Competências receptivas e expressivas nas crianças e adultos

A cotação da prova Foco seguiu os critérios usados na versão original inglesa (Peppé & McCann, 2003). Na tarefa receptiva a classificação de 1 ponto foi dada às respostas correctas e 0 pontos às respostas incorrectas. Na tarefa expressiva, as respostas de cada criança foram avaliadas por um painel de júris. Para cada item da tarefa, o júri identificava a palavra em que estava posicionado o Foco. As respostas de cada criança foram classificadas por três membros diferentes do júri. Assim, sempre que havia uma concordância de 100% na classificação do júri na resposta a um item, era atribuído 1 ponto. Quando apenas dois membros do júri estavam de acordo, eram atribuídos 0.5 pontos, e 0 pontos para situações de desacordo entre os três elementos do júri. Esta pontuação é a mesma utilizada na versão original da prova em inglês, sendo que 1 ponto = “good”, 0.5 = “ambiguous” e 0 pontos = “poor” (é o próprio experimentador que atribui a classificação no momento da aplicação da prova).

A partir dos dados brutos em cada tarefa, procedeu-se ao cálculo da média, desvio-padrão e amplitude de variação dos resultados, separadamente para crianças e adultos. Realizou-se uma análise de variância, ANOVA, tendo como variável dependente o resultado total obtido em cada tarefa e como variáveis independentes a idade, o sexo e a escolaridade.

Foco: Competências Receptivas

No Quadro 3 podem-se observar os resultados médios por subgrupo de idade obtidos para o grupo de crianças e de adultos a partir do total de respostas correctas.

Quadro 3

Média (M), desvio-padrão (DP) e amplitude de variação dos resultados obtidos na prova Foco – tarefa receptiva pelo grupo de crianças (N = 43) e de adultos (N = 10), separadamente por subgrupo de idade.

Grupo de Idade ^a	M	DP	Amplitude
6;2 – 7;5 (n = 12)	15.75	0.45	15 – 16
7;6 – 9;5 (n = 19)	14.58	2.27	8 – 16
9;6 – 11;5 (n = 12)	15.42	1.73	10 – 16
> 18 (N = 10)	16.00	0	-

Nota.^a Idade em anos e meses. A pontuação máxima nesta tarefa é de 16 pontos.

De um modo geral, os resultados obtidos na tarefa receptiva são bastante elevados, atingindo o topo no grupo dos adultos. Nas crianças, é visível um ligeiro decréscimo no desempenho do 1º ($M = 15.75$; $DP = 0.45$) para o 4º ano de escolaridade ($M = 15.42$; $DP = 1.73$), embora essas diferenças não sejam significativas [$F(2, 40) = 1.78$, *ns*]. O mesmo foi observado em relação ao género [$F(1, 41) = 1.74$, *ns*]. Well, Peppé e Goulandris (2004), num estudo realizado para o inglês, também não encontraram diferenças de desempenho em função do sexo, mas os seus resultados são inferiores aos aqui documentados. Com efeito, apenas as crianças mais velhas com 13 anos de idade conseguiram atingir nesta tarefa resultados médios acima dos 12 itens respondidos correctamente ($M = 91.9$; $DP = 13.0$, numa pontuação máxima de 100). As crianças mais novas, que se encontram no mesmo intervalo de idades das referidas no presente estudo, obtiveram um desempenho bastante inferior ($M = 62.93\%$ de sucessos) ao das portuguesas que obtiveram uma média de sucessos na ordem dos 94.62%.

Os adultos atingiram o nível máximo de desempenho previsto nesta tarefa ($M = 16$; cf. Quadro 3). E, embora os resultados obtidos pelos adultos sejam ligeiramente superiores aos das crianças, não se verificam diferenças significativas entre os dois grupos no desempenho nesta tarefa da prova Foco [$F(3, 49) = 2.22$; *ns*].

Foco: Competências Expressivas

No Quadro 4 podem observar-se os resultados médios de respostas correctas, por subgrupo de idade, obtidos para as crianças e adultos. Tendo em conta que a pontuação máxima nesta tarefa é de 16 pontos, podemos afirmar que o desempenho das crianças é muito baixo, não ultrapassando os 5 pontos. Nesta tarefa não foram encontradas diferenças significativas no desempenho das crianças em função da idade [$F(2, 40) = 0.73$, *ns*] e do sexo [$F(1, 41) = 1.98$, *ns*].

Quadro 4

Média (M), desvio-padrão (DP) e amplitude de variação dos resultados obtidos na Prova Foco - tarefa expressiva pelo grupo de crianças e de adultos, separadamente por subgrupo de idade.

Grupo de Idade ^a	<i>M</i>	<i>DP</i>	Amplitude
6;2 – 7;5 (<i>n</i> = 12)	5.08	3.87	0 – 11
7;6 – 9;5 (<i>n</i> = 19)	3.89	2.34	0.5 - 8
9;6 – 11;5 (<i>n</i> = 12)	3.50	4.24	0 – 14.5
Adultos (<i>n</i> = 10)	15.25	0.75	14 – 16

Nota. ^a Idade em anos e meses. A pontuação máxima possível nesta tarefa é de 16 pontos.

Estes resultados são relativamente baixos se tomarmos como referência os apresentados por Well, Peppé e Goulandrís em 2004 para falantes nativos do inglês avaliados na mesma prova. A média de respostas correctas mais baixa encontrada pelos investigadores foi de 13.66 (*DP* = 9.3) para um grupo de dezoito crianças com cinco anos de idade. Trata-se de uma diferença de desempenho de cerca de 8 pontos entre as crianças inglesas e as crianças portuguesas com 6 anos de idade. Todavia, Martínez-Castilla e Peppé (2008), num estudo realizado com nativos do espanhol, encontraram um resultado muito semelhante aos dados portugueses para o mesmo intervalo de idades (intervalo dos 7 anos e 6 meses aos 9 anos e 5 meses; *M* = 4.45; *DP* = 4.70). As investigadoras sugerem como possível explicação para estes resultados baixos, o facto do desenvolvimento da competência prosódica de produção do Foco ainda não se encontrar adquirida no intervalo de idades entre os 6 e os 11 anos, pelo menos no que diz respeito à língua espanhola. Acrescentam ainda que o Espanhol é uma língua românica, pelo que há uma tendência para que a colocação do Foco se faça, em parte, através da ordem das palavras na frase e não exclusivamente através da entoação como acontece nas línguas germânicas (e.g., inglês). Por isso, no espanhol torna-se mais difícil e exigente expressar o Foco através da entoação, como acontece nesta tarefa. Ora, sendo também o Português uma língua românica, este poderá eventualmente ser um dos motivos pelo qual a prestação das crianças ficou muito aquém do nível de tecto.

Um outro aspecto a assinalar, observado por Martínez-Castilla e Peppé (2008) e também verificado por nós, consiste no facto das crianças posicionarem muitas vezes o

Foco em partes irrelevantes da frase. Por exemplo, em vez da colocação do Foco na palavra-alvo “VACA” na frase “Não, a VACA preta tem a bola”, este surgiria no início da frase posicionado na palavra “não” (“NÃO, a vaca preta tem a bola”).

Comparando o desempenho das crianças com o dos adultos, observam-se diferenças significativas [$F(3, 49) = 35.93; p < .05$], registando os adultos um desempenho bastante superior na ordem dos 10 pontos (cf. Quadro 4).

Foco: Competências Receptivas vs. Expressivas

Realizou-se um teste-T para amostras emparelhadas para avaliar em qual das duas tarefas (receptiva e expressiva) da prova Foco os participantes obtiveram melhor desempenho. Os resultados mostraram haver uma diferença significativa no desempenho nas duas tarefas no grupo de crianças [$t(42) = 19.99; p < .05$], sendo a tarefa receptiva aquela em que se obteve o melhor resultado médio comparativamente à expressiva ($M = 15.14$ vs. 1.82 ; valores médios para a totalidade do grupo de crianças). O baixo desempenho dos participantes na tarefa expressiva poderá dever-se a questões morfológicas da língua portuguesa como anteriormente referido.

Quanto aos adultos, verificou-se de igual modo um melhor desempenho na tarefa receptiva ($M = 16.0$) comparativamente à tarefa expressiva ($M = 15.25; DP = 0.75$), sendo a diferença significativa [$t(9) = 3.14, p < .05$]. Estes resultados são concordantes com outros referidos para o inglês (Peppé *et al.*, 2006; Peppé *et al.*, 2007) e para o espanhol (Martínez-Castilla, & Peppé, 2008) em estudos com adultos. Em geral, nestes estudos, os adultos obtiveram sempre um desempenho cerca de 10% superior na tarefa de recepção vs. tarefa de expressão (ainda que não sejam disponibilizados dados estatísticos sobre a significância desta diferença). Considerando a totalidade dos participantes portugueses que colaboraram no presente estudo (crianças e adultos), esta diferença no desempenho entre as duas tarefas mantém-se ([$t(52) = 12.70, p < .05$]; $M = 15.30$ vs. $6.22, DP = 1.67$ vs. 5.35 , respectivamente para a tarefa receptiva e expressiva).

Analisando o desempenho na prova Foco em geral, verifica-se que o grupo de adultos ($M = 15.63; DP = 0.38$) obtém um desempenho bastante superior ao das crianças ($M = 9.63; DP = 2.02$), sendo a diferença significativa [$F(3, 49) = 30.67; p < .05$]. Estas diferenças sugerem a existência de uma trajectória desenvolvimental das capacidades prosódicas para o Foco o que é corroborado por diversos estudos (Martínez-Castilla & Peppé, 2008; Peppé *et al.*, 2006; Peppé *et al.*, 2007). No entanto,

como o grupo de crianças evidenciou um padrão de desempenho semelhante entre os 6 e os 11 anos, revela-se de grande interesse no futuro, a avaliação de crianças entre os 12 e os 18 de modo a ser possível acompanhar os saltos desenvolvimentais nas capacidades prosódicas para o Foco neste período temporal.

Procedeu-se ainda ao cálculo de correlações entre os resultados médios obtidos na prova Foco (tarefa receptiva e tarefa expressiva) e nas Matrizes Progressivas de Raven. Contudo, não foram encontradas correlações significativas entre as tarefas da prova Foco e os resultados obtidos nas MPCR.

Resumindo, observou-se que todos os participantes obtiveram melhores desempenhos na tarefa receptiva comparativamente à tarefa expressiva da prova Foco. A competência prosódica para identificar o Foco (capacidades receptivas) parece já se encontrar adquirida tanto nas crianças como nos adultos. Por sua vez, a competência prosódica para produzir Foco encontra-se adquirida nos adultos, mas parece estar ainda em aquisição nas crianças dos 6 aos 12 anos. Em estudos a realizar futuramente, seria interessante administrar esta prova a sujeitos entre os 12 e os 18 anos de idade de forma a identificar os ganhos desenvolvimentais na aquisição desta competência.

4. CONCLUSÃO

O *Profiling Elements of Prosodic Elements – Child version (PEPS-C; Peppé & MaCann, 2003)* é um teste que avalia competências prosódicas receptivas e expressivas envolvidas nas diferentes funções comunicativas: pragmática, gramatical e afectiva. Trata-se de um teste recentemente lançado no mercado internacional para a língua inglesa e que se encontra a ser adaptado a línguas como o espanhol e o francês, entre outras. Um dos seus pontos fortes reside no facto de permitir identificar e caracterizar com detalhe áreas fortes e fracas ao nível da forma e da função, bem como ao nível das competências prosódicas receptivas e expressivas. A sua utilidade diagnóstica e interventiva tem sido demonstrada em populações infantis e juvenis sem e com alterações de desenvolvimento (Peppé *et al.*, 2006).

O Foco é uma competência prosódica associada à função pragmática da comunicação, sendo avaliadas nesta prova as competências do sujeito para identificar a posição do Foco (i.e., dos segmentos enfatizados) numa frase. O posicionamento do Foco num enunciado pode ser alvo de mudanças, sendo os segmentos enfatizados (sílabas ou palavras) pronunciados com uma frequência e intensidade mais alta. Na

prova Foco do PEPS-C, é privilegiado o Foco Fechado. São, portanto, avaliadas no sujeito capacidades receptivas (i.e., para identificar o foco) e expressivas (i.e., para produzir foco) para informação relevante que se encontra presente no discurso (Frota, 2000; Peppé & McCann, 2003).

A Prova Foco (tarefa receptiva e expressiva) adaptada para o Português Europeu (cf. Martins, 2009) foi administrada a crianças ($N = 43$) e adultos ($N = 10$). Os resultados, de uma forma geral, evidenciam um melhor desempenho na tarefa receptiva comparativamente à tarefa expressiva ($[t(52) = 12.70, p < .05]; M = 15.30$ vs. $6.22, DP = 1.67$ vs. 5.35 , respectivamente para a tarefa receptiva e expressiva). Os resultados mostraram que as competências receptivas para identificar a posição do Foco se encontram adquiridas nos adultos e também praticamente adquiridas nas crianças já aos 6 anos de idade ($M = 16.0$ vs. 15.75 , respectivamente num máximo possível de 16 pontos). Assim, seria interessante explorar estas mesmas competências em crianças em idade pré-escolar. Grandes diferenças desenvolvimentais observaram-se, no entanto, ao nível das competências para produzir Foco (tarefa expressiva). Enquanto os adultos mostraram ter esta competência completamente adquirida ($N = 15.25$, num máximo possível de 16 pontos), no grupo das crianças o desempenho ficou muito aquém ($M = 5.08$ vs. 3.50 , respectivamente para as crianças mais novas com 6 anos e mais velhas com 11 anos). Os resultados sugerem que as competências receptivas se desenvolvem primeiro e mais rapidamente, sendo a trajectória desenvolvimental ao nível da expressão mais sinuosa e lenta. A avaliação de jovens entre os 12 e os 18 anos será de grande interesse no sentido de permitir traçar um perfil desenvolvimental para a aquisição do Foco.

O PEPS-C, e neste caso a prova do Foco, revela ser uma mais-valia para a avaliação neuropsicológica pelo facto de ser um instrumento de avaliação da competência prosódica que contempla as vertentes receptiva e expressiva, apresentando-se assim como ferramenta de grande utilidade e interesse em contextos educativos e clínicos.

CONTACTO PARA CORRESPONDÊNCIA

Sandra Martins, sandrapgmartins@gmail.com

Selene Vicente, svicente@fpce.up.pt

REFERÊNCIAS

- Baltaxe, C. A. M. & Simmons, J. Q. (1985). Prosodic development in normal and autistic children. In E. Schopler & G. B. Mesibov (Eds.). *Communication problems in Autism* (pp.95-125). New York: Plenum.
- Cutler, A. & Swinney, D. (1987). Prosody and the development of comprehension. *Journal of Child Language*, 14, 145-167.
- Frota, S. (2000). *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York & London: Garland Publishing, Inc.
- Martínez-Castilla, P. & Peppé, S. (2008). Developing a test of prosodic ability for speakers of Iberian Spanish. *Speech Communication*, 50, 900-915.
- Martins, S. (2009). Desenvolvimento da competência prosódica Foco em crianças com e sem Síndrome de Asperger. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade do Porto.
- Mateus, M. H. M. (2004, Setembro). *Estudando a melodia da fala: Traços prosódicos e constituintes prosódicos*. Comunicação apresentada no Encontro sobre “O ensino das línguas e a linguística”, Setúbal, APL e ESES.
- McMillan, J. & Westren, J. (2000). Measurement of the socio-economic status of Australian higher education students. *Higher Education*, 39, 223-248.
- Peppé, S. & McCann, J. (2003). Assessing intonation and prosody in children with atypical language development: the PEPS-C test and the revised version. *Clinical Linguistics & Phonetics*, 17, 345-354.
- Peppé, S., McCann, J., Gibbon, F., O’Hare, A. & Rutherford, M. (2006). Assessing prosodic and pragmatic ability in children with high-functioning autism. *Journal of Pragmatics*, 28, 1776-1791.
- Peppé, S., McCann, J., Gibbon, F., O’Hare, A. & Rutherford, M. (2007). Receptive and expressive prosodic ability in children with high-functioning autism. *Journal of Speech, Language and Hearing Research*, 50, 1015-1028.
- Schafer, A., Carlson, K., Clifton, C. & Franzier, L. (2000). Focus and the interpretation of pitch accent: disambiguation embedded questions. *Language and Speech*, 43(1), 75-105.
- Simões, M. M. R. (2000). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Wells, B., Peppé, S. & Goulandris, N. (2004). Intonation development from five to thirteen. *Journal of Child Language*, 31, 749-778.